

Os territórios de uma profissão: secretariado executivo

Rosana de Almeida

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

A globalização é de certa forma a “ponta do iceberg” do processo de internacionalização do mundo capitalista. Mas que também traz a perversidade da usurpação dos espaços ou territórios que são ao mesmo tempo, espaço concreto, dominado, instrumento de controle e exploração. Tentamos analisar um espaço alternativo, muito mais igualitário e democrático. Através desta pesquisa buscou-se compreender os conceitos, conhecê-los mais profundamente e entender os movimentos que hoje estão se estabelecendo em relação aos temas globalização, territórios e Secretariado Executivo. Do Secretariado Executivo tem-se exigido uma postura mais estratégica quanto à sua carreira, ao seu trabalho, ao seu espaço. Esse profissional deve definir o seu espaço e criar a sua identidade.

Palavras-chave: Secretariado executivo; territórios; globalização.

Territories of a profession: executive assistant

Abstract

Globalization is, in a way, the “tip of the iceberg” of the internationalization process of capitalist world. But also brings up the perversity of usurpation from spaces or territories which are, at the same time, concrete space, dominated, instrument for control and exploitation. It is tried to analyse an alternative space, much more uniform and democratic. Through this research was tried to understand the concepts, get to know them more deeply and see the movements that are establishing at themes like globalization, territories and executive assistantcy. From this area (executive assistant) has been demanded a much more strategic attitude regarding it's career, job and space. This professional must define his own space and to create his identity.

Keywords: Executive Assistant; Territories: Globalization.

O mundo que vivemos hoje é um mundo fabricado pelo homem cuja sua utilização permite que o mundo se torne confuso e também confusamente percebido em todos os sentidos criando uma torre de babel na era globalizada. A veracidade desse mundo que se apresenta; seus fundamentos são a informação e o seu poder/império, que lidam com a produção de imagens e do imaginário que se coloca a serviço do poder do dinheiro (capitalismo), monetarizando a vida social e pessoal.

Se quisermos fazer uma nova análise, ou até escapar das crenças construídas acerca da globalização/mundo temos de considerar três mundos, segundo Santos (2007): o mundo tal qual nos fazem vê-lo: a globalização como fábula/criação histórica; a globalização como perversidade e outra globalização (a que ele pode ser).

A globalização como fábula é uma composição de elementos criados para a manutenção e continuidade do sistema. A idéia de difusão de informação e encurtamento de distâncias, por exemplo, “da aldeia global”, dá uma falsa idéia de cidadania e, na verdade, é um culto ao consumo. Fala-se de morte do Estado, mas o que se vê é seu fortalecimento atendendo a interesses internacionais em detrimento das suas populações.

A perversidade da globalização está se impondo à maior parte da humanidade. O desemprego, a pobreza, a perda da qualidade de vida. A fome e o desabrigo, a instalação de novas enfermidades e o retorno das velhas; a mortalidade infantil. A educação de qualidade é cada vez mais para poucos, além claro, dos males do espírito, como o egoísmo, a corrupção, o cinismo e a desumanização. A perversidade da globalização é sistêmica e sua raiz está na adesão desenfreada aos comportamentos competitivos da humanidade.

Mas, talvez, não podemos deixar de pensar em construir um mundo com uma globalização mais humanizadora e sustentável. Segundo Santos (2007), esse período se baseia na unicidade da técnica (como da informação/informática, por exemplo), da convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases que o capital se apóia em construir a perversidade. Mas elas poderão servir a outros objetivos com fundamentos mais sociais e políticos, pois hoje observamos fenômenos como a mistura de povos e raças, culturas, crenças em todo o mundo. Há a possibilidade, conforme lembra Ortega e Gasset (1937 *apud* SANTOS, 2007), da aglomeração de uma população diversificada em pequenas áreas, aumentando a possibilidade de mistura entre pessoas e filosofias. Como afirma Santos (2007, p.81):

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

Com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história (SANTOS, 2007). Seu conteúdo e definição variam através dos tempos, mas sempre revelam um cotidiano compartilhado e complementar ainda que

também conflitivo e hierárquico, um acontecer solidário identificado com o meio, ainda que sem excluir relações distantes. Tal solidariedade e tal identificação constituem a garantia de uma possível regulação interna.

Ao longo da história o homem vem desenvolvendo famílias de técnicas como: a foice, a enxada, o ancinho, etc (SANTOS, 2007). Cada sistema técnico representa uma época. Atualmente, o que é representativo do sistema de técnicas é a técnica da informação, através da cibernética, da informática e eletrônica. Essa técnica permite que as diversas técnicas existentes se comuniquem. Quando surge uma nova família de técnicas, as outras não desaparecem, continuam existindo, mas o novo conjunto de instrumentos passa a ser usado pelos novos atores hegemônicos, enquanto que os demais continuam a utilizar as técnicas menos atuais e poderosas. Hoje, as técnicas da informação alcançam a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Há, nesse contexto, uma hierarquização, porque todos os outros lugares são avaliados perante àqueles dotados das técnicas hegemônicas. Segundo Santos (2007), as técnicas só se realizam na história, com a intermediação da política, tanto das empresas e do Estado, conjunta ou separadamente. Outra característica do sistema técnico atual é que ele é invasor e busca espalhar-se na produção e no território, como por exemplo, as empresas globais (SANTOS, 2007).

Isso também influencia na percepção do tempo que resulta na utilização de múltiplos relógios, permitindo que as empresas globais funcionem em todo o planeta, revolucionando as finanças dos mercados em diversos lugares o dia inteiro. Múltiplos relógios em múltiplos lugares a partir de um só, de forma concatenada e eficaz que se traduz em unicidade do tempo ou convergência dos momentos. Embora esse fator, fisicamente, existe para todos, socialmente, ele é excludente e assegura privilégios para poucos (SANTOS, 2007).

A competitividade feroz que se observa hoje se tornou possível pela mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo e da informação. Resistem e sobrevivem as empresas que obtêm a mais-valia maior.

O conhecimento do nosso planeta e dos outros, através do desenvolvimento técnico-científico atual como pesquisas em laboratórios de última geração, satélites etc também permitem às empresas, a busca da mais-valia desejada, valorizando diferentemente as localizações. O conhecimento do planeta constitui dado essencial à operação das empresas e à produção desse nosso sistema histórico que é considerado um período, com suas características de influência direta ou indiretamente (globalização) e também uma crise, pois essas características estão continuamente chocando-se e exigindo novas definições, novos arranjos e novas posturas. Em outras palavras, a frase: “pensar globalmente e agir localmente”, pode levar a uma situação precária, seja porque os resultados localmente obtidos são menores, ou porque os agentes são permanentemente ameaçados pela concorrência das mais poderosas.

Portanto, a globalização se justifica por um sistema ideológico, visto como única solução ou caminho e diante da crise, a aceitação dos remédios impostos. E todos passam a aceitar a crise como comum. Na verdade, a única crise que se quer afastar é a financeira. A nossa crise real e atual é a econômica, social, política e moral.

Também a personalidade hipermoderna, termo usado por Claudine Haroche (2004), sofre os efeitos da “globalização”. Aparece como sendo sem engajamentos — o indivíduo está “ligado, mas distante”. Ele experimenta “a necessidade da presença dos outros, mas afastado desses outros” (GAUCHET, 1992, p.179 apud HAROCHE, 2004), abstratos, inconsistentes, permutáveis, inexistentes. Sem continuidade, sem aspirações afirmadas na duração, desengajado, o indivíduo hipermoderno, “na aderência a si” e no deslocamento incessante, consegue ser ele mesmo apenas “na medida em que pode se desprender de todo modelo ou adesão qualquer que seja” (p.229). Ele se comunica ou se vincula apenas sob o modo da prudência, do controle de si, da dominação: “ele se afirma não ao se comprometer”, observa ainda, “mas ao se destacar” (GAUCHET, 1992 apud op. cit.).

Bauman (2001 apud Haroche, 2004) enfatiza um desengajamento também nos comportamentos, vendo na mobilidade, no deslocamento incessante, uma das essências do poder nas sociedades contemporâneas. Ele descreve a atmosfera do funcionário e seu modo de vida, o trabalho, a cidade, percebendo que “nada permanece parecido, imutável, durante muito tempo, nada dura o suficiente para se tornar familiar, acolhedor e tranquilo” (BAUMAN, 2001, apud op.cit, p.229), não há aspirações de vínculo e necessidade de pertencimento. Haroche (2004), segundo Bauman, diz que desaparece “tudo o que é contínuo, estável e sólido [...] que poderia sugerir a existência de um quadro social durável, seguro, pacífico e pacificador. Esmaece, também, o poder de se rever regularmente.

Haroche (2004) também aponta os fundamentos de Dick Pountain e David Robins em que pensam que o descomprometimento, o desengajamento, o frio, definem no presente o espírito do tempo. “Os engajamentos duráveis, que constroem vínculos, em que a individualidade é valorizada pela exigência, foram substituídos por encontros breves, banais e intercambiáveis, encontros em que as relações começam tão rápido quanto terminam”. (HAROCHE, 2004, p.232)

Os vínculos são mais frágeis e efêmeros. Hoje, o estar junto tende a ser breve, de curta duração e desprovido de projetos: o desengajamento aparece assim como um novo modo de poder e dominação. Em resumo, a competitividade comanda nossas formas de ação e o consumo as nossas formas de inação, gerando a confusão dos espíritos, impedindo nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos. (SANTOS, 2007, p.46).

Assim, também, acontece com o profissional de Secretariado, que rompeu com o seu antigo perfil, enfrentando a concorrência de profissionais de outras áreas, o secretário executivo, desempenha hoje um papel de assessoria adjunta, gerenciando processos, facilitando tomadas de decisão, com um alto grau de autogerenciamento, assimilação de informações, de formação intelectual diferenciada, com competências técnicas, comportamentais e estratégicas (CARVALHO, 2005).

No final do século XX e início do século XXI, o Brasil também tem sentido essas intensas mudanças em vários setores: na economia, na política, na educação, nas organizações públicas e privadas geradas pelas pressões internas e externas. Na administração pública sob a mira de um partido esvaziado de seu

papel criador para um papel de gestor de interesses dominantes que influenciaram de forma considerável em novos modelos de gestão e acabaram repercutindo no mundo do trabalho, no aumento da informalidade, na falta de direção do sindicalismo e conseqüentemente na empregabilidade.

Este trabalho, através da revisão de literatura sobre os temas, tem por objetivo apresentar os conceitos de globalização, territórios e espaços, além do perfil profissional do secretário executivo atual, tentando mostrar, dentro de uma perspectiva do entendimento e compreensão, da conquista, da ocupação do seu lugar/território, para pode pensar o seu futuro profissional e de cidadã, dentro das organizações.

Neoliberalismo e Globalização – fundamentos sócio político econômico cultural

Os Estados Unidos foram os grandes idealizadores e executores do neoliberalismo e tinham e tem como principal objetivo dominar o mundo economicamente através desta política. Ela é vendida aos países em desenvolvimento, mais vulneráveis, como solução para os seus percalços financeiros, econômicos e sociais, segundo Chomsky (2004, p. 48):

O neoliberalismo ou o consenso de Washington é um conjunto de princípios orientados para o mercado, traçados pelo governo dos Estados Unidos e pelas instituições financeiras internacionais que ele controla e por eles mesmos implementados de formas diversas – geralmente nas sociedades mais vulneráveis, como rígidos programas de ajuste estrutural. Resumidamente são: liberação do mercado e do sistema financeiro, fixação de preços pelo mercado, fim da inflação e privatização.

Wanderley (2000, *apud* MARRAS 2005, p.39) traça um conceito sobre a globalização: “Ele é compreendido como um processo crescente de mudanças que mundializa os mercados, as finanças, a informação, os valores culturais, criando um sistema de vasos comunicantes entre os países e continentes”.

A globalização da economia tem como principal objetivo o lucro mediante menores custos sem preocupação com o desenvolvimento humano e social. Os efeitos mais gritantes da globalização são: o surgimento de uma cultura mundial, padronizada, que não respeita a cultura local, mudando o cotidiano das relações de produção e consumo, criando uma política de produção internacional voltada à competitividade e uma cultura de consumo que cria desejos, sonhos e necessidades que antes não existiam, desrespeitando as condições sociais locais e de desenvolvimento de suas estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas, criando assim uma nova ordem internacional econômica e jurídica mundial que não respeita os direitos locais.

A palavra chave para a globalização é o desrespeito às sociedades constituídas de valores, usos e costumes, leis, que passam a deixar suas raízes para se moldarem a nova ordem global. Marras (2005, p.40) nos alerta que a globalização opera uma grandiosa mudança nas sociedades e que estas são irreversíveis, estas sociedades se submetem as frias leis do mercado e que não

tem alternativa senão a de aceitar e acatar as normas impostas que as controla e auto-regula baseando-se em parâmetros puramente produtivos e econômicos.

Pós Modernidade - fundamentos filosóficos

Para corroborar com as políticas neoliberais e incutir no ser humano uma cultura condizente com tais políticas, com uso da hegemonia da mídia sobre a realidade dissemina-se a sociedade pós-moderna como consequência da crise do capitalismo no modelo fordista segundo Harvey (1996).

Marx (1946 *apud* Harvey, 1996) relata que os processos sociais agem no capitalismo caracterizado por promover o individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças imprevisíveis nos métodos de produção e de consumo e mudança de experiência do espaço e do tempo. Temos visto estes movimentos mais intensos com a pós-modernidade.

A alienação que gera a falta de reação social ao modelo excludente imposto e reduzem, drasticamente, as alternativas de realinhamento da ordem social, a fragmentação tira o sentido do todo e fragilizam as convenções sociais pré-estabelecidas, a efemeridade tira o foco da essência do ser humano levando a sociedade a dar importância somente ao superficial, a estética e não a ética, a inovação gera uma constante movimentação e acelera o processo do tempo e do espaço, criando expressões “porque a vida é agora”, não criando perspectivas de futuro, a destruição criativa gera a destruição do todo anterior para a construção do novo posterior, sem se preocupar se o anterior poderia ser usado se houvesse algo de bom e o desenvolvimento especulativo que gera a destruição do desenvolvimento social e aumenta a desigualdade social.

Para Harvey (2006, p.49), o fato mais marcante sobre o pós-modernismo é a sua aceitação “[...] do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico [...]” o que significa a inexistência de uma determinada ordem na vida.

Neste caso estamos descrevendo outra característica pós-moderna que é a desregulação, que em seu bojo, significa a desconstrução das leis, normas e regras vigentes, construídas ao longo do tempo pelas sociedades e que é descartada para obtenção de vantagens pessoais, de grupos econômicos através de contratos locais, que tem um propósito, o capitalismo predatório.

A modernidade, segundo Haesbaert (2006), então, é concebida, antes de qualquer coisa, como a era da racionalidade da tecnocracia e, portanto, do “controle social”. Caberia aos pós-modernistas, em consequência, resgatarem a “vida”, a sensibilidade, a liberdade e a imprevisibilidade que haviam sido oprimidas pela modernidade. Filósofos, como Nietzsche, para quem o racionalismo é sinônimo de controle e de repressão. E como Foucault, vigiar e punir.

Todos estes aspectos formam nossa cultura, “a cultura global”, em ambientes onde exista o capitalismo avançado, e moldam a maneira de como encaramos a vida e suas diversas redes de conexões, inclusive nas relações entre capital e o espaço.

Os territórios, os espaços

No começo da história humana, o homem em sociedade, relaciona-se diretamente com a natureza. Os laços entre território, política, economia, cultura e linguagem eram transparentes e se relacionavam diretamente entre os setores da vida social. (SANTOS, 2007). O autor diz que existia uma territorialidade genuína. Do território, dependiam a economia e a cultura, a política e a linguagem também estavam com ele relacionadas. Havia um sentimento de pertencimento ao território, criando um sentido de identidade entre as pessoas e o seu espaço geográfico, com a função de produção para a sobrevivência, a noção de limites e de domínio. Segundo Santos (2004, p.96), a política do território tinha as mesmas bases na da economia, da cultura, da linguagem. Criava-se assim, a idéia de comunidade. Ele apresenta ainda outra definição:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi.

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novo contorno, novas características, novas definições e ainda nova importância, pois a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização.

Lembrando também Haesbaert (2006 p. 4), quanto ao “pensar globalmente e agir localmente”; das forças econômicas globais e locais, num sentido mais geral, os estudos sobre a “territorialização”, compreendida como o conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta ou simbólica) do espaço social, em sua interação com elementos como o poder (político/disciplinar), os interesses econômicos, as necessidades ecológicas e o desejo, a subjetividade, é possível concluir propondo duas questões básicas:

a) a interação/segmentação entre os diferentes dispositivos e estratégias territoriais promovidos pelos distintos grupos sociais, seja na ordem mais objetiva da funcionalidade (econômico-produtiva, político-disciplinar), seja na ordem simbólica, mais subjetiva (cultural ou “das mentalidades”);

b) a interação/segmentação entre diferentes escalas espaço-temporais (geográficas e históricas) de territorialização/desterritorialização (nas quais o espaço capitalista é pródigo).

Santos (2007, p. 35), diz que a questão da territorialização e globalização é uma crise estrutural.

A tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado. Sem o controle dos espíritos seria impossível a regulação pelas finanças. Daí o papel avassalador do sistema financeiro e a permissividade do comportamento dos atores hegemônicos, que agem sem contrapartida, levando ao aprofundamento da situação, isto é, da crise.

A literatura sobre globalização, principalmente a da sua apologia, fala de competitividade entre Estados, mas, trata-se de competitividade entre empresas, que muitas vezes impõe ao Estado a sua força normativa para produzir condições favoráveis de mais poder. Há uma competitividade que agrava as diferenças de força e de disparidades, enquanto o território vai se constituindo num instrumento do exercício dessas diferenças de poder.

Cada uma das empresas, segundo o autor e numa visão nada positivista, utiliza o território em função dos seus próprios objetivos e exclusivamente em função destes. Santos (2007, p.85) enfatiza:

[...] Desse modo, quanto mais racionais forem as regras de sua ação individual tanto menos tais regras serão respeitadas do entorno econômico, social, político, cultural, moral ou geográfico, funcionando, as mais das vezes, como um elemento de perturbação e mesmo de desordem. Nesse movimento, tudo que existia anteriormente à instalação dessas empresas hegemônicas é convidado a adaptar-se às suas formas de ser e de agir, mesmo que provoque, no entorno preexistente, grandes distorções, inclusive a quebra da solidariedade social.

O secretariado executivo

Reich (1994, p.168) nomeia esse trabalho inteligente e intelectual como “os analistas simbólicos” e o Secretário Executivo foi assim classificado:

[...] Apenas algumas das pessoas que são classificadas como “secretárias”, por exemplo, executam estritamente tarefas rotineiras, como introduzir a recuperar dados em um computador. Outras “secretárias” executam serviços pessoais, como marcar compromissos e servir café. Um terceiro grupo de “secretárias” executa tarefas simbólicas analíticas estreitamente ligadas ao que fazem seus chefes. Classificá-las todas como “secretárias” encobre as diversas funções que têm dentro da economia [...]

O cenário empresarial já traçado anteriormente, mudou também o perfil profissional do Secretariado Executivo, ou do Secretário, que passou da eminência parda, como executora de atividades meramente técnicas: datilografia, arquivo, anotações na agenda e raros casos de redação, nas décadas de 50 e 60, a

ter o seu potencial reconhecido atualmente, possibilitando a construção de uma carreira promissora, com sua atuação mais próxima do nível estratégico da organização.

1. As forças que impulsionaram esse desenvolvimento do trabalho Secretarial foram a regulamentação profissional em 1985¹:

I – Secretário-Executivo: a) o profissional diplomado no Brasil por Curso Superior de Secretariado, legalmente reconhecido, ou diplomado no exterior por Curso Superior de Secretariado, cujo diploma seja revalidado na forma da lei; II – Técnico em Secretariado: a) o profissional portador de certificado de conclusão de Curso de Secretariado, em nível de 2º. Grau; (Redação dada pela Lei no. 9.261, de 10.1.1996).

Também a globalização, a reengenharia, a qualidade total. A tecnologia, contrariando as previsões, não extinguiu a profissão. Deu a ela contribuições para essa mudança, redefinindo seu papel/perfil. Diretrizes Curriculares² fixadas pelo MEC foram implementadas para os cursos de Secretariado Executivo no Brasil, para torná-los mais adequados e competitivos para o mercado:

Competências e Habilidades

O Secretário Executivo deverá ser preparado para desempenhar, com alto padrão de competência, as tarefas peculiares à profissão, contribuindo para melhoria da qualidade nas relações pessoais, interpessoais e com o mundo exterior, bem como para maior produtividade nas organizações, devendo revelar, pelo menos, as seguintes competências e habilidades: - exercício profissional com iniciativa, criatividade, bom senso, discricção, maturidade emocional, sólidos e atualizados conhecimentos gerais; - capacidade de articulação com diferentes níveis de empresas e instituições públicas ou privadas ou diferentes clientes; - visão generalista da organização e das peculiaridades relações hierárquicas inter-setoriais; - administração eficaz do tempo; - exercício de funções gerenciais, com domínios sobre planejamento, organização, controle e direção; - utilização do raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e estabelecendo relações formais e causais entre fenômenos e situações organizacionais; - habilidade de lidar com modelos inovadores de gestão; - valorização e domínio dos princípios que informa eficaz sistema de comunicação; - receptividade e liderança para o trabalho em equipe, na busca da sinergia; - sensibilidade para a adoção de meios alternativos relacionados com a melhoria da qualidade e da produtividade dos serviços; - controle e gerenciamento do fluxo de informações, assegurando uniformidade de referencial para diferentes usuários: - eficaz utilização de técnicas secretariais, com renovadas tecnologias, imprimindo segurança, credibilidade e fidelidade no fluxo de informação; - utilização de tecnologias da informação com suas permanentes inovações.

¹ Lei de Regulamentação 7.377 de 30/9/85 e Lei 9.261 de 10/1/96.

² PARECER No. CES/CNE 0146/2002

Gattari (1985), segundo Haesbaert, (2006, p7) faz uma distinção entre espaço e território: “os territórios estariam ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva e o espaço estando (sic) ligado mais às relações funcionais de toda espécie”. A ênfase da espacialidade tem sido a de uma funcionalidade econômica. Sob uma nova óptica como “espaços produtivos”, igualmente denominados por Foucault de “funções do trabalho”, “espaços disciplinares”, moldados na grande diversidade cultural dos grupos sociais e “espaços simbólicos”. Essa constatação de que a espacialidade compreende, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta, vinculada ao seu caráter produtivo e disciplinar e uma dimensão simbólica que, em diferentes intensidades, convivem num mesmo todo.

Os territórios de uma profissão

Ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam “micropolíticas” capazes de forjar resistências menores, mas não menos relevantes, em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem, ainda que minoritária. (HAESBAERT, 2006).

Mesmo que dispersos em determinada área geográfica, territórios ou espaços, esses grupos podem formar uma identidade dentro da corporação. Vivendo sob determinados signos como o vestuário, o código verbal, as aspirações sociais etc, são, em geral, grupos que detém algum tipo de privilégio social e, portanto não necessariamente restringem seu confinamento a determinados sítios espaciais. Como Haesbaert (2006, p.10) afirma, “os atributos desses grupos permitem não só uma controlada e relativa dispersão espacial, como também indicam que esta dispersão constitui a própria afirmação de seu prestígio”.

Assim podemos analisar o Secretariado Executivo em uma empresa, formando sua própria identidade, adotando signos específicos, idealizados ou impostos como no vestuário, na linguagem, no comportamento e que, por vezes, esses profissionais desfrutam de algum privilégio dentro dela. São grupos que ocupam ou tentam ocupar seu espaço/território. São profissionais que detém ou devem deter a técnica atual, a técnica da informação, que de certa forma, lhes dá um caráter hegemônico. Mas, por vezes também, dependendo da cultura da empresa, esses profissionais não conseguem ocupar seus espaços, construindo sua identidade, pois a empresa tem suas normas e as próprias técnicas em si, também são normas. Cada técnica propõe uma maneira particular de comportamento, envolve suas próprias regulamentações e, por conseguinte, traz para os lugares novas formas de relacionamento, alterando, por vezes, as relações sociais dentro de cada comunidade.

Considerações finais

A procura pelos profissionais de Secretariado Executivo sempre acompanhou o desenvolvimento das organizações nas esferas públicas e privadas e tem-se verificado a sua valorização, ultimamente. Embora ainda enfrentem concorrência de outros profissionais de outras áreas não regulamentadas e as

próprias mudanças políticas e econômicas que afetam a todos. Todo esse cenário, tem exigido do Secretariado Executivo uma postura mais estratégica quanto à sua carreira, ao seu trabalho, ao seu espaço.

Portanto, o profissional de Secretariado Executivo, objeto deste estudo, deve definir o seu espaço e criar a sua identidade.

O profissional de Secretariado Executivo atuante no mundo todo, com denominações diferentes e atuações com multiplicidade de situações regionais que são trazidas com a globalização, tem a possibilidade de cidadania plena se as soluções forem buscadas localmente, dentro de uma estruturação político-territorial, com a redistribuição de recursos, prerrogativas e obrigações.

Referências

BRASIL, **lei de regulamentação da profissão de secretária (o)**. Lei 7.377 de 30.9.1985 modificada pela Lei 9.261 de 10.1.1996.

BRASIL, **código de ética dos secretários e secretárias brasileiras**, DOU 7.7.1989.

CARVALHO, M. M. J. Qual Será o Futuro dos Cursos de Secretariado Executivo? **Revista Acadêmica de Secretariado Executivo - UCSal**-Universidade Católica de Salvador, v.1, no. 1, semestral, 2005.

CHOMSKY, N. **O Lucro**, São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

DIRETRIZES CURRICULARES. Parecer do Conselho Nacional da Educação e Câmara da Educação Superior – CES 146/2002, localizado em <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/14602dceacthsemtdt.pdf>. Acesso em janeiro de 2007.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HAROCHE, C. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. **Ágora**, v. VII n. 2 jul/dez, 2004 p. 221-234.

HARVEY, D. **Condição pós moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Ed. São Paulo: Loyola, 1996,

MARRAS, J. P. **Gestão de Pessoas em Empresas Inovadoras**. São Paulo: Futura, 2005.

REICH, R.B e FULLMANN, C. **O trabalho das Nações**. 2ª. Ed. São Paulo: Educator, 1994.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14ª.ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.